

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : JT

CLASS. : Yan 1708

DATA : 03 05 90

PG. : capa/13



José Paulo Lacerda/AF

Quinta-feira, 3-5-90

1708

Ambiente

A pista do Baiano Formiga, na região ianomami, em Roraima, foi a primeira: com as explosões, somem os garimpeiros; ficam os índios, dizimados pela malária.

Some a pista, ficam os índios.



Foto: José Paulo Lacerda/AB

LIANA JOHN

A explosão da primeira pista de garimpo realizada ontem na área ianomami, por determinação do próprio presidente Fernando Collor, arrancou aplausos. O controle ao redor da pista com dois helicópteros e intercomunicadores, visando impedir acidentes com índios ou brancos, pareceu exemplar. O diretor da Polícia Federal, delegado Romeu Tuma, o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), coronel Airton Alcântara Gomes, soldados, policiais e jornalistas assistiram de camarote — do alto de um morro de cascalho deixado pelos garimpeiros — à seqüência de 57 explosões que percorreu a pista do Baiano Formiga — um dos locais mais violentos do garimpo de Roraima. Ali, a morte a bala ganhava da morte provocada por malária.

Diante da fumaça, o delegado Romeu Tuma classificou a operação de sensacional: "Após quatro meses de espera e angústia, isso é uma homenagem aos que acreditaram desde o começo", disse. "Tivemos várias baixas (mais de 70 policiais com malária), mas com a soma de esforços teremos a área completamente limpa e entregue à Justiça para a manutenção das comunidades indígenas."

O resultado dos 670 quilos de explosivos no chão da pista foi uma série de crateras de três a quatro metros de diâmetro e 1m20 a 2 metros de profundidade. Os garimpeiros, mesmo sem ver os buracos, garantem que fecham as crateras em menos de uma semana. "Só que essa terra está toda solta e a compactação disso, para ser transformada novamente em pista de pou-

so, pediria maquinário pesado", afirmou Tuma ao examinar o terreno.

Esse espetáculo pirotécnico da dinamitação das pistas clandestinas de voo na Amazônia poderá consumir mais explosivos do que todas as pedreiras ou mineradoras utilizam no restante do País, segundo pesquisadores da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, que acreditam que a medida mais simples e eficaz — a proibição dos quatro aeroportos oficiais que abastecem os garimpos do Norte continuarem servindo os aviões dos garimpeiros — poderia resolver o problema, deixando-se à ação das chuvas a tarefa de destruir, em dois ou três meses, os campos de pouso clandestinos e sem manutenção.

A partir de hoje mais 11 pistas irão para o ar, no ritmo de uma a duas por dia,

nas proximidades da base militar de Surucucu. Encabeçando a lista estão as pistas do Pau Grosso, Chico Ceará, e Caveira 2 e 3, que também estavam entre as de maior movimento e violência. O restante do total de 70 pistas a serem dinamitadas espera o final da estação chuvosa, por falta de condições climáticas para alteração dos helicópteros e pessoal.

Há uma estimativa da Polícia Federal de que 300 a 500 garimpeiros ainda permanecem nas áreas ianomamis. Alguns alegam falta de aviões para voltar a Boa Vista. Tuma diz que vai verificar se não há nenhum deles por perto antes de explodir cada pista, mas adverte: "Eles conheciam o prazo para retirada, foi oferecida a passagem de volta para suas regiões de origem, agora quem ficou vai ter que se virar



Explode a pista de Formiga. Os índios ianomamis nem ligam.

para sair". O prazo era de 60 dias após 7 de janeiro. A operação chegou a atrasar mais de dois meses. Quem não saiu não foi por falta de tempo.

Depois das explosões, como ficam os índios?

Quando os helicópteros forem embora, não se sabe como vai ficar o atendimento médico.

Se não fosse por sua aversão a estranhos, câmeras e microfones, os índios ianomamis da pista do Geremias pareciam totalmente indiferentes ao movimento ao seu redor. No Geremias é que fica a base de operações da Polícia Federal e do Exército. Os índios estão sendo atendidos por um médico e duas enfermeiras da Funai em um barracão aberto e em condições precárias de higiene.

Os que não estão com malária encontram-se em estado grave de desnutrição. "Agora, com a presença dos helicópteros, tem sido mais viável o atendimento aos doentes", diz o médico gaúcho Oneron de Abreu Pitham, da Funai. Mas ele teme que, com o final das explosões e a retirada da Polícia Federal da área, os helicópteros também saiam.

O atendimento médico é dificultado pela descontinuidade do tratamento e falta de pessoal especializado e de instalações. "Não podemos pôr um remédio contra malária na mão do índio e esperar que ele tome 14 dias seguidos, religiosamente", diz o médico. Eles também não conseguem manter os índios todo esse tempo na cidade, longe da família. A solução é ir para o mato, onde eles estão, e dar os remédios na boca, o que será impossível de fazer sem o apoio dos helicópteros.

Oneron Pitham acha positiva a retirada dos garimpeiros da área. Ele acredita

que em muitas malocas será possível reverter a grave situação de saúde, apesar dos números que conseguiu reunir em 19 das 42 malocas ianomamis da região de Surucucu. Os números traduzem uma situação de calamidade: dos 1.283 índios que vivem lá 880 estão doentes. A malária atinge 219 deles; as doenças de pele estão em segundo lugar, atingindo 124. Depois vêm as infecções pulmonares (116) e desnutrição (107).

As doenças venéreas — que inexistiam antes do garimpo — também têm se alastrado com uma rapidez incrível, lideradas pela gonorréia. "Tudo indica que os homens é que trazem e espalham as doenças venéreas nas malocas depois de irem com os garimpeiros para a zona, em Boa Vista", conta o médico. "Também há casos de

contaminação por estupro, mas, temos menos notícias destes." Até a Aids anda rondando os índios. "Ainda não confirmamos nenhum caso, porém, os índios têm sofrido muitas transfusões de sangue, dada a principal consequência da malária, que é a anemia profunda". Naturalmente, com as transfusões, eles estão mais sujeitos a hepatites, doença de Chagas e até Aids.

Depois que terminarem as explosões das pistas, os médicos temem que haja um

surto de mortes por malária. Os garimpeiros deixaram nos rios um rastro devastador: margens e barrancos desfeitos, terra revolvida e, principalmente, muita água empocada e estagnada nas lagoas que hoje preenchem os buracos cavados em busca do ouro. "Quando as águas baixarem, no final da estação chuvosa, o pico de malária vai ocasionar muitas mortes", prevê Pitham. O final das chuvas costuma ser entre agosto e outubro.

E os garimpeiros podem voltar

Cerca de 90% dos garimpeiros — estimados em mais de um milhão — que operam na Amazônia foram atraídos para lá a partir dos anos 60, por algum projeto de assentamento do governo, principalmente os do Inbra. Quase sempre, a mesma história: movidos pelo sonho de possuir um pedaço de terra para produzir, lá estavam — gente sobretudo do Sul e do Nordeste — vindo a família morrer de fome ou de malária quando chegava a notícia de alguém que **bamburrou** (enriqueceu rapidamente) tirando ouro, diamante e quartzo à vontade, sem ter de pagar imposto. Então, largavam a família para trás e iam tentar a sorte em uma atividade onde as condições de vida são terríveis.

Mas se destrói o garimpeiro (na verdade, quem enriquece mesmo é o dono do avião que os leva até lá ou do equipamento de extração dos minérios) a febre de ouro é igualmente devastadora para o meio-ambiente. O mercúrio que utilizam para agregar o ouro polui as águas dos rios e o ar que se respira, e depois volta em forma de chuva para o solo. O barro usado para a lavagem do ouro entope o leito dos rios, enquanto as máquinas vão abrindo clareiras na floresta. — O garimpo é o grande responsável pela devastação da Amazônia — afirma o ambientalista Antônio Carlos Alves de Oliveira, da Oikos — União dos Defensores da Terra.

Em algumas regiões, como Roraima, é o principal culpado. Mas não é único: boa parte da área desmatada (251,5 km2, se-

gundo o Instituto de Pesquisas Espaciais, e 600 mil km2, segundo ecologistas do mundo inteiro, que apontam o Brasil como o grande vilão na questão ambiental) deve-se aos megaprojetos minerais (o Grande Carajás, principalmente), às atividades pecuárias e à retirada de madeira.

Segundo Antônio Carlos, a política de ocupação do território nacional implantada pelo governo militar não trouxe qualquer benefício para o País e causou profundos estragos. "O preço foi a devastação da floresta e de uma cultura indígena milenar, a dos ianomamis, última nação indígena do continente americano a viver praticamente isolada do homem branco." Os índios foram sendo dizimados pelas doenças levadas pelos garimpeiros; estes destruídos pela extrema violência, pelas más condições de trabalho em uma floresta tropical cheia de malária e pelo veneno que eles próprios colocaram nos rios. Em troca, tinham a compensação de um salário alto mas quando fazia a conta de quanto deveriam pagar de comida e remédio sóbravam apenas "alguns anos de vida a menos".

Dinamitar as pistas de pouso clandestinas construídas em território dos ianomamis é importante como gesto — "o mínimo que o governo tem a fazer" — mas não vai impedir que os garimpeiros continuem a invadir a região, diz Antônio Carlos. "Se não podem ir de avião, vão de helicóptero, mas vão."

Rosa Bastos

Três Irmãos já pode fechar

A Coordenadoria de Planejamento Ambiental da Secretaria de Meio Ambiente aprovou o fechamento da barragem de Três Irmãos — desde que os cervos do pantanal e jacarés-de-papo-amarelo sejam resgatados, em 90 dias úteis e sem chuvas, e reassentados junto às usinas hidrelétricas de Jupitá (área de 120 hectares) e Promissão (800 hectares). Já os exemplares de outras nove espécies oficialmente ameaçadas de extinção (tamanduá-bandeira, lontra, lobo-guará e as onças pintada, pardal, jaguatirica e gato do mato, assim como o macaco e a águia cinzenta) irão para o zôo.

Hoje, pela manhã, tais decisões serão expostas aos integrantes do Conselho Estadual do Meio Ambiente, durante uma reunião técnica que havia sido anteriormente convocada para discussão de normas para a realização de audiências públicas sobre obras potencialmente devastadoras ou poluidoras do meio ambiente. Apesar do cogitado já estar convocado para julgar definitivamente o assunto na próxima segunda-feira, as entidades ambientalistas não governamentais reivindicam a realização de uma audiência pública, no próximo dia dez, antes de qualquer decisão. É que, alegam, a maioria dos conselheiros não teve condições de se deslocar para Pereira Barreto, em meados de março, para melhor conhecer os prós e contras que envolvem a questão.

Segundo a Secretaria, o fechamento de Três Irmãos está condicionado à implementação de 24 programas de proteção ambiental e "mitigação de impactos" — dos quais oito deverão ser implantados antes do enchimento do reservatório. As espécies capturadas não deverão ficar "por longo tempo em cativeiro" no zôo da Cesp, em Ilha Solteira, recomendam os técnicos, devendo serem soltas em outros lagos artificiais da Cesp.



No território dos índios ianomamis, em Roraima, estão 73 pistas de pouso, cujo movimento diário de aterrisagens e decolagens é superior ao do aeroporto internacional do Galeão, no Rio